

# A ETNOBOTÂNICA NA COMUNIDADE BARREIRINHO, SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER – MT, BRASIL

André Luís de Souza Ferreira<sup>1</sup>

Maria Corette Pasa<sup>2</sup>

Cecília Verônica Nunez<sup>3</sup>

**RESUMO:** O homem, há muito tempo, vem, notoriamente, aproveitando a natureza e dela retirando diversos recursos naturais necessários para sua sobrevivência e em muitas comunidades tradicionais, o cultivo de plantas medicinais constitui-se como uma alternativa para os cuidados primários de saúde. Com base nessa informação, o objetivo deste estudo é realizar um levantamento etnobotânico das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais pela Comunidade Barreirinho, localizada no município de Santo Antônio do Leverger – Mato Grosso, Brasil. O trabalho foi desenvolvido sob abordagem qualitativa através de entrevista semi-estruturada e aberta com auxílio da técnica Bola de neve (*Snowball sampling*), cujo o estudo nos evidenciou o uso e cultivo de diversas plantas, totalizando 185 espécies, pertencentes a 70 famílias, dentre elas Fabaceae, Lamiaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae foram as mais representativas. Sendo assim, é evidente o conhecimento tradicional e a crença da comunidade nos recursos vegetais para sua sobrevivência.

**Palavras-chave:** Conhecimento tradicional. Recursos vegetais. Cultivo. Fitoterapia.

## ETHNOBOTANY AND THE USE OF MEDICINAL PLANTS IN BARREIRINHO COMMUNITY, SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER – MT, BRAZIL

**ABSTRACT:** The man, a long time ago, has notoriously enjoying nature and taking it several natural resources for their survival and in many traditional communities, cultivation of medicinal plants was established as an alternative to primary health care. Based on this information, the aim of this study is to carry out an ethnobotanical survey of plant species used for medicinal purposes by the Community Barreirinho, located in Santo Antonio do Leverger municipal - Mato Grosso State, Brazil. The work was developed under a qualitative approach using semi-structured interviews and open with the help of technical Snowball, whose study showed the use and cultivation of various plants, totaling 185 species belonging to 70 families, among them Fabaceae, Lamiaceae, Asteraceae and Euphorbiaceae were the most representative. Thus, traditional knowledge and belief of community in plant resources for their survival is evident.

**Keywords:** Traditional knowledge. Plant resources. Cultivation. Phytotherapy.

---

<sup>1</sup>Mestrando em Ciências Florestais e Ambientais, UFMT. E-mail: aluissouza@hotmail.com

<sup>2</sup>Doutora Orientadora Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá. E-mail: pasamc@brturbo.com.br

<sup>3</sup>Doutora Co-orientadora Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA/AM). E-mail: cvnunez@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O homem é uma espécie singular, que interage com o meio ambiente de forma diferenciada e que, há muito tempo, vem, notoriamente, aproveitando a natureza e dela retirando diversos recursos naturais necessários para sua sobrevivência. Dentre esses recursos estão as plantas, que podem ser utilizadas para as mais diversas finalidades como, alimentação, construção, remédios, ornamentação entre outros.

A Etnobotânica, de acordo com Alexiades (1999), é definida como sendo a ciência que estuda as sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas. E nos últimos 20 anos, pode-se observar uma evolução no conceito de Etnobotânica e o seu surgimento como uma nova alternativa metodológica como ferramenta ligada ao desenvolvimento dos grupos sociais, dos processos de conservação e melhoramento dos recursos vegetais (DIAGO, 2011).

Nesse contexto, a Etnobotânica passa a existir como sendo o campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora (CABALLERO, 1979).

As comunidades tradicionais possuem um vasto conhecimento acerca da utilização dos recursos vegetais para os mais diversos fins, principalmente usos medicinais, que segundo Macedo et al. (2002) segue desde os primórdios da humanidade até os dias de hoje e continuam tendo o seu valor não apenas nas comunidades tradicionais como também são objetos de estudos interdisciplinares na busca de novos fármacos.

Almassy Júnior et al. (2005), definem planta medicinal como toda planta que administrada ao homem ou animal, por qualquer via ou forma, exerça alguma ação terapêutica e o tratamento feito com uso de plantas medicinais é denominado de fitoterapia.

Deste modo, estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos possibilitam resgatar o conhecimento ecológico local, acumulado ao longo de gerações, trazendo importantes contribuições frente as preocupações sobre a perda da biodiversidade, permite também compreender o aproveitamento e a interação do homem com a natureza vegetal, além da valorização de um conhecimento que nem sempre é reconhecido.

As observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais, conforme afirma Maciel et al. (2002), contribuem de forma relevante para a divulgação das potencialidades terapêuticas das plantas, e também desperta o interesse de pesquisadores de

áreas como a botânica, farmacologia, fitoquímica, entre outras, enriquecendo o conhecimento e intensificando a utilização de muitas plantas.

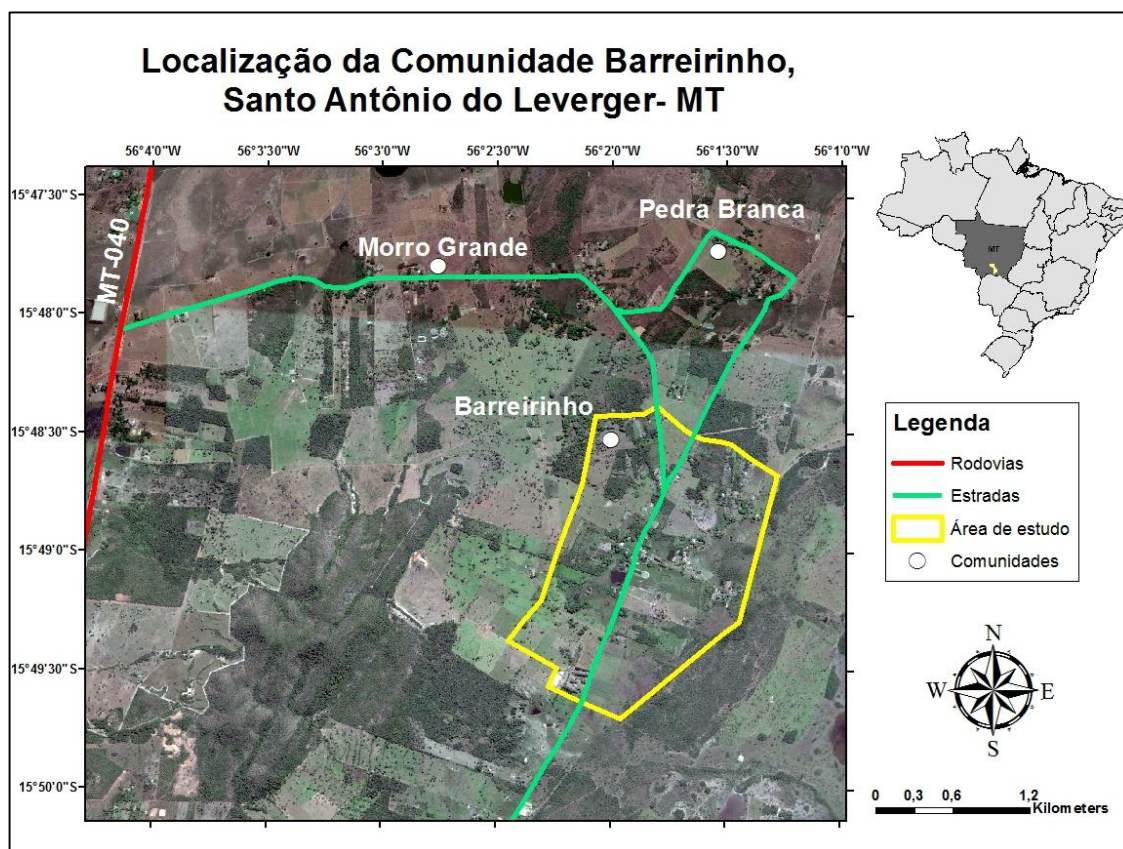
No Brasil, a utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influência da cultura indígena, africana e, naturalmente, europeia. Estas influências deixaram marcas profundas nas diferentes áreas da cultura brasileira, tanto no aspecto material como no espiritual. Elas constituem a base da medicina popular que, há algum tempo, vem sendo retomada pela medicina natural, procurando resgatar suas práticas, dando-lhes caráter científico e integrando-as num conjunto de princípios que visam não apenas curar algumas doenças, mas restituir ao ser humano à vida natural (BARROS et al., 2010).

Mesmo com o avanço da medicina em diversas partes do mundo, as plantas medicinais costumam ser, de acordo com Cavaglier (2014), uma das alternativas para parte da população, principalmente a de baixa renda, devido a diversos fatores, dentre os quais estão, o custo alto dos medicamentos industrializados e o acesso restrito a um sistema de saúde de qualidade. Em contrapartida, o uso deste tipo de terapia tem crescido também entre as pessoas de maior poder aquisitivo, na busca por opções terapêuticas mais saudáveis e naturais.

Com base nas informações apresentadas sobre a tradição e o conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas pelas comunidades tradicionais, este trabalho teve por objetivo resgatar o conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais utilizadas, o manejo, o preparo e a indicação terapêutica na comunidade Barreirinho, Santo Antônio do Leverger – Mato Grosso.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi realizado na Baixada Cuiabana, Comunidade Barreirinho, localizada no município de Santo Antônio de Leverger - MT, rodovia MT-040, km 20 ao sul de Cuiabá, e as coletas de dados serão feitas nas residências. A comunidade encontra-se circunscrita pelas coordenadas de latitude 15° 48' 30" Sul e longitude 56° 01' 30" Oeste, na porção Centro-Sul do Estado de Mato Grosso, estabelecida à margem direita do Rio Cuiabá. Segundo classificação de Koppen, a região possui o clima, predominantemente, tropical com estação seca (classificação climática de Koppen-Geiger: Aw), apresentando duas estações distintas e bem definidas, uma chuvosa, de outubro a março, e outra seca, de abril a setembro. A temperatura média anual em Santo Antônio de Leverger é 26.1 °C, e 1267 mm é a pluviosidade média anual.



**Figura 01:** Localização geográfica da área de estudo. Fonte: Base de Dados Forest Gis. Organizado pelo autor em software ArcGis v. 10.1.

A pesquisa abordou tratamentos qualitativos que, segundo Minayo (2007) e Gonçalves (2015), leva em consideração os níveis mais profundos das relações sociais, operacionalizando-os através dos aspectos subjetivos, visando compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto aos valores culturais e representações.

Os participantes da pesquisa foram os residentes da comunidade Barreirinho que atenderam os critérios de inclusão: ambos os sexos, maiores de 18 anos de idade e que, após a explanação do objetivo da pesquisa, aceitaram de livre e espontânea vontade participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados socioeconômicos e etnobotânicos foi realizada mediante o emprego das técnicas metodológicas como o pré-teste (diagnóstico), observação direta, turnê guiada e entrevistas dos tipos semiestruturada e aberta (MINAYO,1994). As entrevistas ocorreram entre os meses de março a junho de 2016 totalizando 25 informantes residentes da comunidade local. As entrevistas abrangem informações socioeconômicas sobre a idade, sexo, religião, atividade profissional, escolaridade, renda familiar, cor, número de pessoas que

compõem a família, além de informações sobre o imóvel, o quintal, e em relação ao hábitos e estado de saúde.

Os dados etnobotânicos, que resgatam o conhecimento sobre a relação homem-planta e suas diversas etnocategorias de uso pela população, foram obtidos através da técnica snowball sampling, também conhecida como a técnica Bola de Neve, que, segundo Baldin e Munhoz (2011), é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994).

O registro das entrevistas foi realizado por meio de um gravador digital portátil complementado por um diário de campo para registrar informações pertinentes à pesquisa, uma máquina fotográfica digital para registrar e armazenar imagens que envolvem o manejo com as plantas.

As plantas utilizadas e/ou cultivadas foram coletadas para identificação e comparação junto ao herbário da Universidade Federal de Mato Grosso e, os nomes científicos e suas respectivas famílias botânicas classificadas de acordo com sistema de taxonomia vegetal APG III (APG, 2009).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 Dados socioeconômicos**

Foram entrevistados 25 indivíduos (14 homens e 11 mulheres), sendo (56%) do sexo masculino, que se justifica pelo conhecimento da flora local e pelas atividades realizadas na comunidade rural como roça, cultivo e manejo com as plantas. No entanto, estes dados diferem daqueles obtidos por Pasa et al. (2015) e Gonçalves et al. (2015) nas comunidades de Mata Cavalo (Nossa Senhora do Livramento – MT) e Sucuri (Cuiabá – MT) respectivamente, onde a maioria dos entrevistados foram do sexo feminino, que se justifica pela disponibilidade das mulheres em prestar as informações devido as atividades do lar e cuidados com os filhos e netos, proporcionando a permanência da mulher na residência.

Dos entrevistados, 48% nasceram em Santo Antônio do Leverger, sendo que a maioria (52%) mora há mais de 20 anos na comunidade Barreirinho. O Estado de Mato Grosso foi o estado de origem mais expressivo entre os moradores, estes oriundos dos

municípios de Mimoso e Cuiabá. Entre outros Estados de origem, foram mencionados Ceará, Bahia, Paraná e Paraíba. Entre os entrevistados, 60% são de origem rural e 32% afirmaram ser descendentes de índios.

A faixa etária variou entre 24 e 70 anos, tendo como representante da idade mais avançada o sexo masculino. No estudo de Moreira e Guarim Neto (2015) realizado em 2013, em três bairros do município de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso, obtiveram-se resultados aproximados tendo como faixa etária dos informantes variando entre 18 e 89 anos de idade.

A religião católica obteve 72%, seguida da evangélica com 44% e dois entrevistados relataram não pertencer a uma religião. A cor da pele ou raça não teve diferença significativa obtendo um resultado de 44%, 44% e 8% para negros, brancos e índios, respectivamente.

A renda familiar mensal chega no máximo de 1500 reais (76% dos entrevistados), e em 32% das residências moram mais que quatro pessoas. Quanto à escolaridade dos entrevistados, variou de não alfabetizado até o ensino superior, com ênfase para o ensino fundamental completo com aproximadamente 60%, ensino médio com 60% e 12% nunca estudaram.

A agricultura é a principal atividade realizada por 56% dos entrevistados, 52% para a classe do lar e 28% para a classe dos aposentados. Outros tipos de ocupação citados foram: atividades do lar (tanto para as mulheres como para os homens), comércio (tanto na comunidade rural como na cidade), vigilante, diarista, entre outros. A agricultura não é a principal fonte de renda, mas figura como uma das atividades das famílias da comunidade Barreirinho. Em geral, os moradores cultivam em suas roças: banana, mamão, cana-de-açúcar, laranja, cajú, limão, acerola, manga, pimenta, mandioca (presente em todas as roças), abóbora, pepino, entre outras.

Referindo-se ao estado de saúde dos informantes e seus hábitos, pode-se identificar que, 60% deles possuem algum tipo de doença crônica, como hipertensão arterial, diabetes, gastrite e problemas na próstata. A comunidade possui assistência médica, porém o atendimento pelo médico ocorre uma vez ao mês e apenas um enfermeiro atende todos os dias (segunda a sexta feira).

Das residências da comunidade, todas são de alvenaria com luz elétrica, água encanada do poço artesianos e nenhuma residência possui rede de esgoto, e sim um sistema de fossa séptica. Os imóveis, conforme os entrevistados, são próprios, sendo alguns adquiridos como herança de família.

### 3.1 Dados etnobotânicos

Foi registrado na comunidade Barreirinho um total de 185 espécies, que estão distribuídas em 70 famílias botânicas e com um número total de 1500 citações para as espécies vegetais presentes na comunidade. Entre as espécies de maior ocorrência, destacam-se: *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo), *Manihot esculenta* Crantz (mandioca), *Citrus x limon* (L.) Osbeck (limão), *Mangifera indica* L. (manga), *Coriandrum sativum* L. (coentro), *Allium fistulosum* L. (cebolinha), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.ex P. Wilson (erva-cidreira), *Carica papaya* L. (mamão), *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert. (camomila) e *Punica granatum* L. (romã). Segundo Carniello et al. (2010) a cebolinha é uma das espécies mais frequentes nos quintais, principalmente nos urbanos de Mirassol do Oeste.

As plantas com maior representatividade incluem-se nas famílias botânicas Fabaceae (16 espécies), Lamiaceae (12 espécies), Asteráceae e Euphorbiaceae (8 espécies), e Apocynaceae (7 espécies). Entre os estudos que demonstram a representatividade das famílias Fabaceae, Lamiaceae e Asteraceae no Mato Grosso, encontram-se os de Pasa et al. (2015) e Moreira et al. (2015) sendo estas as mais frequentes em estudos sobre quintais.

Os quintais, segundo Siviero et al. (2014) e Gonçalves et al. (2015), são uma das formas mais antigas de manejo da terra que persiste até os dias atuais, considerado uma tradição que vem sendo passada de geração a geração. São, também, espaços de fácil acesso para que os moradores possam cultivar uma diversidade de espécies vegetais com variadas funções de uso, como por exemplo: alimentação, ornamentação, místico, construção e, principalmente, uso medicinal.

Na comunidade Barreirinho, os quintais são bastante variados tanto em tamanho como nas formas, quantidade e variedade de espécies vegetais que compõem essa unidade de paisagem. Pode-se observar que os quintais das residências circunvizinham toda a casa (frente, lateral e fundo) limitados por mourões e cercas, que segundo os entrevistados são de madeira de itaúba (*Mezilaurus itauba* Meisn.), piúva (*Tabebuia serratifolia* Nicholson), cumbarú (*Dipteryx alata* Vogel.) ou eucalipto (*Eucalyptus citriodora* Hook.), reforçaram ainda quanto à preservação e conservação de espécies antes utilizadas e que hoje são proibidas como a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* (Allemão) Engl.). Há, também, aqueles que são limitados apenas por vegetação nativa. Encontram-se terrenos compartilhados, antigamente de um único terreno maior herdado e que foi dividido para os familiares (filhos e irmãos) se instalarem.

As espécies vegetais presentes nas residências variou entre 12 e 63 espécies, com um valor médio de 37 espécies vegetais por quintal visitado. Os cuidados com o quintal é responsável tanto pelos homens como pelas mulheres, porém prevalece o sexo masculino, cujo trabalho doméstico e cuidado com plantas é realizado todos os dias, principalmente para limpeza, pois a época de chuva destacou-se como a mais trabalhosa, devido o rápido crescimento dos vegetais presentes nos quintais e a necessidade de poda-los.

Aproximadamente, 74% das 185 espécies citadas pelos informantes são cultivadas nos quintais, sendo mais da metade exóticas. Entre as etnocategorias de usos dos vegetais na comunidade Barreirinho (Tabela 1), destacam-se a medicinal com 66,47% (123 espécies), alimentar com 23,24% (43 espécies), ornamental com 23,24% (43 espécies), mística com 2,70% (5 espécies), construção e sombreamento com 2,16% (4 espécies), vale salientar que uma mesma planta pode se encaixar em mais de uma etnocategoria de uso. Em um estudo realizado por Guarim Neto et al. (2010) nos quintais de Rosário Oeste, o uso de espécies vegetais para fins medicinais foram os mais expressivos com 103 espécies, assim como no estudo realizado por David et al. (2015) encontrando um total de 66 espécies medicinais em comunidades urbanas.

**Tabela 1** – Espécies vegetais da Comunidade Barreirinho, Santo Antônio do Leverger, MT. 2016.

Família	Nome Científico	Nome Popular	Origem	Etnocategoria	NC
LAMIACEAE	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	E	M	24
EUPHORBIACEAE	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	N	A	23
RUTACEAE	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Limão	N	A, M	23
ANACARDIACEAE	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	E	A, M	21
APIACEAE	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	E	A	20
AMARYLLIDACEAE	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	E	A	19
VERBENACEAE	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.ex P. Wilson	Erva-cidreira	N	M	19
CARICACEAE	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	E	A	18
ASTERACEAE	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert.	Camomila	E	M	18
PUNICACEAE	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	E	M	18
MUSACEAE	<i>Musa</i> L.	Banana	E	A	17
LOGANIACEAE	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	N	M	17
AMARANTHACEAE	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	N	M	17
CUCURBITACEAE	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-São- Caetano	E	M	17



LAMIACEAE	<i>Mentha crispa</i> L.	Hortelãozinho	E	A, M	17
MALPIGHIACEAE	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	E	M	17
AMARANTHACEAE	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-Santa-Maria/Mastruz	N	M	17
MYRTACEAE	<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	Eucalipto	E	M	17
POACEAE	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	E	M	16
ASPARAGACEAE	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	Espada-de-São-Jorge	E	O	16
ANACARDIACEAE	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú	N	A, M	16
LYTHRACEAE	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	Mangava-brava	N	M	15
ANACARDIACEAE	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Allemão) Engl.	Aroeira	N	M	15
AMARYLLIDACEAE	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	E	A, M	15
ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-Bahia	E	A	15
APIACEAE	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	E	M	15
ANNONACEAE	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	E	A	14
ASTERACEAE	<i>Vernonia scabra</i> Pers.	Assa-peixe	N	M	14
PHYTOLACCACEAE	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	E	M, Mi	14
SOLANACEAE	<i>Capsicum sp.</i> L.	Pimenta	E	M	14
ARACEAE	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Comigo-ninguém-pode	E	O	14
RUTACEAE	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	E	M	14
RUTACEAE	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	E	A, M	13
XANTHORRHOACEAE	<i>Aloe vera</i> L.	Babosa	E	M	13
LAMIACEAE	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	E	M	13
RUBIACEAE	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	E	A, M	13
EUPHORBIACEAE	<i>Jatropha urens</i> L.	Cansação	N	M	13
LAURACEAE	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn	Canela	E	M	13
AMARYLLIDACEAE	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	E	A, M	13
DILLENIACEAE	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	N	M	13
LAMIACEAE	<i>Ocimum minimum</i> L.	Manjerição	E	M	12
LAMIACEAE	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã	E	M	12
POLYGONACEAE	<i>Polygonum cf. punctatum</i> Elliott	Erva-de-bicho	N	Mi	12
LAMIACEAE	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	E	A	12
CARYOCARACEAE	<i>Caryocar brasiliense</i> A. St.-Hil.	Pequi	N	A, M	12
FABACEAE	<i>Bauhinia unguolata</i> L.	Pata-de-vaca	E	M	12

MALVACEAE	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	E	M	12
ASTERACEAE	<i>Achillea millefolium</i> L.	Dipirona	E	M	12
ZINGIBERACEAE	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	Gengibre	E	M	12
MYRTACEAE	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo	E	M	11
VERBENACEAE	<i>Stachytarpheta aff.</i> <i>cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	Gervão	E	M	11
CUCURBITACEAE	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne ex Lam.	Abóbora	E	A, M	11
CECROPIACEAE	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.	Embaúba	N	M	11
FABACEAE	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	N	M	11
FABACEAE	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	N	M	11
RUTACEAE	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Lima	E	A, M	11
ARECACEAE	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Babaçú	N	A	11
LAMIACEAE	<i>Hyptis cf. hirsuta</i> Kunth	Hortelã-do-campo	N	M	11
FABACEAE	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	N	A	11
MYRTACEAE	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	E	A, M	11
POACEAE	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	E	A	10
SOLANACEAE	<i>Solanum sp.</i> L.	Urtiga	E	A, M	10
SCROPHULARIACEAE	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	E	M	10
ZINGIBERACEAE	<i>Alpinia speciosa</i> (J.C. Wendl.) K. Schum.	Colônia	E	M	10
LORANTHACEAE	<i>Psittacanthus calyculatus</i> (D.C.) G. Don	Erva-de- passarinho	N	M	10
ASPARAGACEAE	<i>Agave angustifolia</i> Haw.	Agave	E	O	10
FABACEAE	<i>Dipteryx alata</i> Vogel.	Cumbarú	N	C	9
MYRTACEAE	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jaboticaba	N	A	9
RUTACEAE	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	E	A	9
CUCURBITACEAE	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	E	M	9
FABACEAE	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	E	A, M	9
ASPARAGACEAE	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Espada-de-Ogum	E	M	9
FABACEAE	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	E	M	9
MALPIGHIACEAE	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O.Mach.	Nó-de-Cachorro	N	A	9
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracujá	N	A, M	9
ANACARDIACEAE	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajá-manga	E	A, M	9
CRASSULACEAE	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.)	Folha-da-fortuna	E	O, M	9

	Pers.				
PHYLLANTHACEAE	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	N	M	9
EUPHORBIACEAE	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	N	M	8
ANACARDIACEAE	<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	E	M	8
BIXACEAE	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	Algodãozinho	N	M	8
BIGNONIACEAE	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bureau	Paratudo	N	M	8
LAMIACEAE	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	E	M	8
ASTERACEAE	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Marcela	N	M	8
LAURACEAE	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	E	A, M	8
VERBENACEAE	<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	E	O	8
POLYPODIACEAE	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn.	Samambaia	E	O	8
APIACEAE	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nym	Salsa	E	A, M	7
ACANTHACEAE	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	E	M	7
RUBIACEAE	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	N	M	7
CUCURBITACEAE	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad	Melancia	E	A, M	7
APOCYNACEAE	<i>Allamanda catártica</i> L.	Alamanda-amarela	N	O	7
MALVACEAE	<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	E	M	7
SIPARUNACEAE	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	E	M	7
AMARANTHACEAE	<i>Celosia argentea</i> L.	Crista-de-galo	N	O	7
FABACEAE	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	N	M	7
LAMIACEAE	<i>Melissa officinalis</i> L.	Melissa	E	M	7
FABACEAE	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	N	M	7
EUPHORBIACEAE	<i>Jatropha aff. Gossypifolia</i> L.	Pinhão	E	M	7
MYRTACEAE	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão	E	M	7
OXALIDACEAE	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	E	A, M	7
COSTACEAE	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha-do-brejo	N	M	7
ASTERACEAE	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna / Nervônica	E	M	7
ASPARAGACEAE	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hahnii	Espadinha	E	O	7
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Batatinha-do-brejo	N	M, Mi	6
FABACEAE	<i>Erythrina mulungu</i> Mart. ex Benth.	Mulungu	N	O / Mi	6
SOLANACEAE	<i>Solanum viarum</i> Dunal.	Juá	N	M	6

CUCURBITACEAE	<i>Luffa operculata</i> Cogn.	Buxinha	N	M	6
COMBRETACEAE	<i>Terminalia catappa</i> L.	Sete copas	E	O	6
ASTERACEAE	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	N	M	6
ANNONACEAE	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Graviola	E	A, M	6
ALISMATACEAE	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kuntze.) Micheli	Chapéu-de-couro	N	M	6
CELASTRACEAE	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Cancerosa	N	M	6
ARALIACEAE	<i>Schefflera arboricola</i> (Hayata) Kanehira	Cheflera	N	O	6
ARACEAE	<i>Anthurium andraeanum</i> L.	Antúrio	E	O	6
RUBIACEAE	<i>Coffea canephora</i> L.	Café	E	A, M	6
AQUIFOLIACEAE	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.	Erva-mate	N	M	6
ASTERACEAE	<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burkart	Lingua-de-vaca	N	M	5
APOCYNACEAE	<i>Macrosiphonia longiflora</i> (Desf.) Müll. Arg.	Velame	N	M	5
LAMIACEAE	<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	E	A, M	5
ARECACEAE	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Guariroba	N	M	5
VITACEAE	<i>Cissus cissyoidea</i> L.	Insulina	E	M	5
ROSACEAE	<i>Rosa gallica</i> L.	Rosa-vermelha	E	O	5
BIGNONIACEAE	<i>Jacaranda mimosifolia</i> D. Don.	Jacarandá	N	M	5
BRASSICACEAE	<i>Eruca sativa</i> Mill.	Rúcula	E	A	5
CRASSULACEAE	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln	Kalanchoe	E	O	5
FABACEAE	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	E	A	5
NYCTAGINACEAE	<i>Boerhavia coccinea</i> L.	Amarra-pinto	N	M	5
BIGNONIACEAE	<i>Tabebuia serratifolia</i> Nicholson	Piúva	N	M	4
MORACEAE	<i>Ficus pertusa</i> L.f.	Figueirinha	N	M	4
EUPHORBIACEAE	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Avelós	E	O	4
APOCYNACEAE	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Guatambú	N	M	4
NYCTAGINACEAE	<i>Bougainvillea spectabilis</i> L.	Primavera	N	O, M	4
ARACEAE	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-Adão	E	O	4
RUBIACEAE	<i>Ixora coccinea</i> L.	Ixora	E	O	4
AMARANTHACEAE	<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	E	A, M	4
FABACEAE	<i>Bauhinia divarigata</i> L.	Pata-de-vaca	N		4
LAMIACEAE	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã-pimenta	E	M	3

SALICACEAE	<i>Casearia silvestris</i> Eichler	Chá-de-frade	N	M	3
PIPERACEAE	<i>Piper cuyabanum</i> C. DC.	Jaborandi	N	M	3
MALPIGHIACEAE	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Cerejeira	E	C	3
APOCYNACEAE	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangabeira	E	M	3
MALVACEAE	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibisco	E	O, M	3
MYRTACEAE	<i>Eugenia pitanga</i> (O. Berg) Kiaersk.	Pitanga	E	A	3
APOCYNACEAE	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	E	O	3
APOCYNACEAE	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don.	Boa-Noite	E	O	3
ARACEAE	<i>Caladium x hortulanum</i> Birdsey	Caládio	N	O	3
ARECACEAE	<i>Rhapis excelsa</i> (Thunb.) A. Henry	Palmeira-rapis	E	O	3
COMMELINACEAE	<i>Tradescantia pallida purpurea</i> Rose.	Trapoeraba-roxa	E	O	3
ROSACEAE	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	Amora	N	M	3
SOLANACEAE	<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	E	A, M	3
BIXACEAE	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	N	M	3
MELASTOMATACEAE	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	E	O, M	2
FABACEAE	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Mart.) Benth.	Jurema	N	O	2
CUCURBITACEAE	<i>Cayaponia tayuya</i> (Cell.) Cogn.	Raiz-de-brugre	E	M	2
LECYTHIDACEAE	<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Jequitibá	N	M	2
RUBIACEAE	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Schult.) DC.	Unha-de-gato	N	M	2
POACEAE	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Capim-sapé	N	M	2
POACEAE	<i>Zea mays</i> L.	Milho	E	A, M	2
FABACEAE	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Fava	N	M	2
ASPARAGACEAE	<i>Dracaena fragans</i> (L.) Ker Gawl.	Dracena	E	O	2
PTERIDACEAE	<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl.	Avenca	N	O	2
EUPHORBIACEAE	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) A. Juss.	Cróton-verde-amarelo	E	O	2
ARECACEAE	<i>Areca catechu</i> L.	Palmeira-leque	E	O	2
CAPPARACEAE	<i>Crataeva tapia</i> L.	Cabaça	N	M	2
PAPAVERACEAE	<i>Argemone mexicana</i> L.	Cardo-santo	E	M	2
APOCYNACEAE	<i>Adenium coetaneum</i> Stapf.	Rosa-do-deserto	E	O	2
RUBIACEAE	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth	Erva-mula	N	M	1

EUPHORBIACEAE	<i>Euphorbia heterophylla</i> L. (EPHHL)	Leiteiro	N	M	1
ASTERACEAE	<i>Eremanthus exsuccus</i> (DC.) Baker	Bácimo-do-campo	N	M	1
MORACEAE	<i>Dorstenia contrajerva</i> L.	Contra-erva	N	M	1
LAMIACEAE	<i>Mentha spicata</i> L.	Vicki	E	M	1
ROSACEAE	<i>Rosa Alba</i> L.	Rosa-branca	E	O	1
FABACEAE	<i>Mimosa pudica</i> L.	Não-me-toque	N	O	1
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea purga</i> (Wender.) Hayne	Batata-de-purga	E	M	1
COMMELINACEAE	<i>Tradescantia spathacea</i> Swartz	Abacaxi-roxo	E	O	1
PIPERACEAE	<i>Peperomia scandens</i> L.	Peperômia	N	O	1
CACTACEAE	<i>Opuntia cochenillifera</i> (L.) Mill.	Cacto-palma	E	O	1
BIGNONIACEAE	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld	Vergateso	N	M	1
COMMELINACEAE	<i>Dichorisandra hexandra</i> (Aubl.) Standl.	Cana-de-macaco	N	M	1
SAPINDACEAE	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Mulher-pobre	N	M	1
DILLENACEAE	<i>Dillenia indica</i> L.	Árvore-do- dinheiro	E	O	1
DAVALLIACEAE	<i>Davallia fejeensis</i> Hook.	Renda-portuguesa	E	O	1
EUPHORBIACEAE	<i>Euphorbia milii</i> Des. Moulins	Coroa-de-Cristo	E	O	1
FABACEAE	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca	N	O, M	1

**Legenda: Origem:** N - Nativa, E - Exótica; **NC:** Número de Citações; **Etnocategorias:** A: Alimentar; M: Medicinal; O: Ornamental; Mi: Místicas; Ot: Outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo etnobotânico realizado na comunidade Barreirinho, permitiu resgatar o conhecimento tradicional que esse grupo social adquiriu ao longo do tempo e por meio das experiências empíricas com a natureza, sendo possível nos aproximar da realidade e da cultura dessa população.

O uso dos recursos vegetais, incluindo suas aplicações, evidencia o conhecimento que a comunidade possui diante da natureza, cujas famílias botânicas mais representativas neste estudo (Fabaceae, Lamiaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae) correspondem àquelas

abundantes na região, porém são fortemente representadas em outras comunidades e em várias partes do mundo, de acordo com outros trabalhos.

Diante disso, ressaltamos a fundamental importância desse resgate do saber tradicional e local que serve de base para muitos estudos científicos atestando e confirmando os saberes que são praticados há muitos anos, além de valorizar e registrar o importante conhecimento empírico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADES, M.N. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York, T. New York Botanical Garden Press. 1999.

ALMASSY JÚNIOR, A.A.; LOPES, R.C.; ARMOND, C.; SILVA, F. DA; CASALI, V.W.D. Folhas de chá: Plantas medicinais na terapêutica humana. Viçosa: Ed. UFV, p. 233, 2005.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP - APG III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 161: 105-121, 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1095-8339.2009.00996.x/epdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – EDUCRE/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. Curitiba, PR, 7<sup>a</sup> 10 de novembro, Anais, p.329-41, 2011.

BARROS, A. T.; ANDRADE, T. D. M.; SILVA, M. J. R.; DINIZ, D. K. T.; SOUSA, K. N.; TRAJANO, L. L. Estudo do Conhecimento das Plantas de Uso Medicinal pelos Alunos do Sistema EJA de Educação em Dois Municípios do Interior da Paraíba. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Patos – PB – Campus VII, 2010.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: A. Barrera (ed.). *La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa: INIREB. p. 27-30, 1979.

CARNIELLO, M.A.; SILVA, R.D.S.; CRUZ, M.A.B.D.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazônica*, v.40, n. 3, p.451-470, 2010.

CAVAGLIER, M.C.S.; MESSEDER, J. C. Plantas Mediciniais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências* Vol. 14, N.1, 2014.

DAVID, M.; PASA, M. C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. *Interações*, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 97-108, 2015.

DIAGO, O. L. S. La etnobotánica y su contribución a la conservación de los recursos naturales y el conocimiento tradicional. In: LAGOS-WITTE, S. (Ed.). Manual de Herramientas Etnobotánicas relativas a la Conservación y el Uso Sostenible de los Recursos Vegetales, p. 37-60, 2011.

GONÇALVES, K. G.; PASA, M. C. A etnobotânica e as plantas medicinais na Comunidade Sucuri, Cuiabá, MT, Brasil. Interações, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 245-256, 2015.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N.D. Aspectos Etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. Polibotânica, México, n.29, p.191-212, 2010.

MACEDO, M.; CARVALHO, J.M.K.; NOGUEIRA, F.L. Plantas medicinais e ornamentais da área de aproveitamento múltiplo de Manso, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Cuiabá: Ed. da UFMT, p. 188. 2002.

MACIEL, M.A.M. et al. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. Quimica Nova, v.25, n.3, p.429-38, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREIRA, R. P. M.; GUARIM NETO, G. A flora medicinal dos quintais de Tangará da serra, Mato Grosso, Brasil. Biodiversidade, v. 14, n. 1, p. 63-83, 2015.

PASA, M. C.; DAVID, M.; FIEBIG, G. A.; NARDEZ, T. M. B.; MAZIERO, E. L. A etnobotânica na comunidade quilombola em Nossa Senhora do Livramento. Mato Grosso, Brasil. Biodiversidade, v.14, n. 2, p. 2-14, 2015.

SIVIERO, Amauri; DELUNARDO, Thiago Andrés; HAVERROTH, Moacir; OLIVEIRA, Luis Claudio de; ROMAN, André Luis Cote; MENDONÇA, Ângela Maria da Silva. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 3, p. 797-813, set./dez. 2014. Disponível em: <[http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv9n3\\_2014/plantas%28siviero%29.p df](http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv9n3_2014/plantas%28siviero%29.p df)>. Acesso em: 20 mai. 2016.

WHA. World Health Association. Division of mental health. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva, 1994.